

**A DIVERSIDADE DAS IDEOLOGIAS DE CONQUISTA: REFLEXOS INICIAIS  
NO NOVO MUNDO**

**Diego de J. Vieira Ferreira  
André Luiz Araújo Ramos  
Matheus M. Machado Carrion**

**RESUMO**

Neste trabalho, procuramos abordar o pensamento de três personagens fundamentais para a compreensão da colonização na América Espanhola. Colombo, Las Casas e Cortez possuíam idéias e atitudes distintas em relação aos diversos aspectos lá encontrados. Assim, analisamos as diferentes formas de interação com o Novo Mundo, desde o primeiro contato até os posteriores modos de dominação com os nativos. Abordamos tanto o aspecto do conquistador que defendia fervorosamente preceitos cristãos já ultrapassados para sua época (como a retomada do Santo Sepulcro, em Jerusalém, das mãos dos “infiéis” e a expansão da fé cristã), quanto o conquistador que se torna um missionário de visão providencialista, que atribuía a Conquista Espanhola à vontade divina e se engajara em favor da causa indígena, até o colonizador audacioso e minucioso, que compreendia as formas de interação entre os nativos ameríndios e utilizava essa compreensão para subjugar-los. Visamos, com isso, expor as conseqüências dessas relações nas novas terras.

**Palavras-Chave:** Colombo, Las Casas, Cortez, Imaginário, Relações de conquista.

**INTRODUÇÃO**

A Antigüidade Clássica Ocidental e a Bíblia são, para os homens da expansão ultramarina, as bases cultural e científica na elaboração de suas formas de pensar e de suas visões do mundo. O saber, durante a Idade Média, estava confinado aos mosteiros católicos, dirigidos por uma restrita classe erudita, composta predominantemente por clérigos. Tal fato dificultou a difusão de algumas idéias já conhecidas<sup>1</sup> sobre o Novo Mundo, tanto na esfera do imaginário<sup>2</sup> (como especulações acerca do continente de Atlântida, que uniria a China à África, entre outros), quanto na esfera das Ciências.

Desde a Antigüidade já se tinha conhecimento de terras ao ocidente. Exemplo disso percebe-se na discussão que se levanta sobre a questão dos fenícios terem estado

na América e no relato dos romanos sobre um lugar que se assemelhava à Ilha dos Açores (nos séculos XV e XVI):

(...) relata que os romanos, de volta a essas ilhas, encontraram-nas desertas, mas apresentando restos de habitações que teriam sido dos fenícios ou dos cartagineses. (...) Estrabão diz que seus habitantes usam casacos negros e seguram sempre um cajado à mão; esse detalhe surpreendeu, no século passado, o historiador P. Gaffarel, que reconhece, nesta característica, os atuais indígenas dos Açores! <sup>3</sup>

No campo das Ciências, temos a evolução da cartografia na Antigüidade com Eratestones e Hiparco de Rodes, que determinam a medida quase exata da Terra e fazem a sua divisão em estádios e depois em graus; temos os mapas de Marinus de Tiro, com o surgimento das projeções cartográficas, e ainda a questão da esfericidade da Terra, tomada por Platão e Aristóteles e outros pensadores da Antigüidade.

A produção dos antigos foi retomada no Renascimento cultural (século XIV), porém, a Europa ainda vivia sob a influência de um teocentrismo enraizado, fruto do combate às idéias da Reforma Protestante. Como antes citado, a Igreja Católica monopolizava o conhecimento para que este não fosse usado em confronto aos dogmas dessa fragilizada<sup>4</sup> instituição. Além dos dogmas referentes à fé, a Igreja também conservava algumas idéias que, de certa forma, serviam para a manutenção de seu poder, como a idéia de que não se podia atravessar o oceano, a possível presença de monstros marinhos e a existência de um abismo infinito.

Neste cenário de antagonismos ideológicos, encontram-se os três personagens de nossa análise, a partir dos quais esboçamos e buscamos compreender um quadro geral da ideologia da conquista.

## **COLOMBO, UM HOMEM COM UMA MISSÃO**

Cristóvão Colombo foi um personagem complexo e contraditório, ao mesmo tempo em que também é de importância vital para o entendimento das primeiras interações humanas entre o Velho e o Novo Mundo, pois foi o pioneiro, o homem que estabeleceu o modelo, em vários aspectos, dessas relações, como as idéias de superioridade do conquistador, de civilidade e de religião monoteísta.

Não é nosso propósito traçar a confusa e obscura biografia de Cristóvão

Colombo. Sua nacionalidade ou genealogia não convém tratar aqui. Pretendemos, sim, delinear, na medida do possível, o perfil daquele que recebeu o título de “descobridor da América”, mesmo afirmando, até a sua morte, que estas terras seriam suas almeçadas Índias, da figura que empreendeu tamanho feito com habilidades náuticas básicas.

Colombo era, sobretudo, um religioso: suas crenças predeterminavam tudo o que encontrava, o mundo inteiro passava pelo filtro de suas convicções, descartava então, de imediato, os elementos que não lhe convinham. Em uma época onde correntes progressistas começam a duvidar da Igreja e de suas doutrinas, Colombo agarra-se às tradições e mantém-se fiel aos velhos dogmas. Aí reside a sua dualidade. O Almirante é, por muitos, considerado um misto de homem medieval e moderno. Contudo, ele se reveste de sua “modernidade” apenas enquanto esta lhe serve como instrumento para atingir um objetivo maior: a expansão do cristianismo.

Tudo o que ele fez, disse, escreveu, defendeu, lutou, suportou e acreditou está submetido a uma crença constante e inabalável. Descobrir novas terras, extrair ouro, traçar um caminho para o Oriente, que o leve ao imperador da China (o Grande Can), são apenas etapas a serem transpostas no seu plano. Colombo acredita que possui uma missão, que é um predestinado, que ouve a voz de Deus. Sua meta é expandir o cristianismo, apenas deseja o ouro para financiar uma guerra contra os infiéis e retomar Jerusalém. Apoiado nas crônicas de Marco Polo, deseja chegar às Índias para converter o imperador ao cristianismo. Como Todorov afirma: “*ele ainda pensava numa Cruzada, quando a idéia já era uma lenda no seu tempo.*”<sup>5</sup> A descoberta de riquezas é apenas uma necessidade para a realização do seu propósito. Assassinar, traficar escravos, extorquir, massacrar povos foram conseqüências “normais” do processo.

O tempo não estava a seu favor. “*Santo Agostinho nos ensina que o mundo terá fim aos sete mil anos da sua Criação; essa é a opinião de santos teólogos e do cardeal Pedro de Ailly. Como já se passaram 6845 anos, segundo o cálculo do rei Afonso, de Portugal, resta muito pouco até o fim do mundo*”<sup>6</sup>, escreveu Colombo em 1503. Além de conquistar o Santo Sepulcro e expulsar da Terra Santa os inimigos da religião cristã, ele ainda esperava converter todos os infiéis antes do fim do mundo!

Os sábios de sua época o ridicularizavam. Ele não podia mesmo ser levado cientificamente a sério. Suas leituras eram deficientes, pois as obras mais importantes da

sua vida lhe chegaram por compilações de outros autores. Seu latim era rudimentar em uma época onde os livros, na maioria, eram escritos nessa língua. Das Ciências Náuticas conhecia o básico; da Astronomia e Geometria, só o que lhe interessava. Apela às profecias da Bíblia em suas empresas, desprezando o que deveria ser a base de seus planos: a Ciência. Sua profunda convicção e firmeza (ou seria teimosia?) e sua inegável coragem muito lhe serviram. Foi um homem supersticioso: reafirmava as crenças em desmoronamento na Europa e lutando para manter as tradições, realizou uma viagem que trouxe resultados que mudaram o mundo. Enquanto as grandes expedições marítimas remodelavam o mundo, Colombo tentava manter intacta a ideologia cristã.

Não foi um homem de ciência que abriu as portas da modernidade para o mundo. Foi um homem de fé.

## **REFLEXOS DA MISSÃO**

Logo nos seus primeiros contatos com os americanos, Colombo tem por eles total desprezo: troca quinquilharias por ouro, seqüestra nativos como intérpretes, não se importa que usem de violência para com os “selvagens”, pelo contrário, até a incentiva. Já no início, os coloca em posição de inferioridade, não os compreende e não procura compreender. Por que se importar? Afinal, esses atos são apenas uma etapa da missão mais nobre à qual estava predestinado.

Após algum tempo, instaura-se a escravidão. Colombo já havia sido “negreiro” a serviço dos portugueses e tinha prática no ramo. Forneceu o modelo que viria a ser aperfeiçoado por seus sucessores. Além disso, foi um matador sistemático: comandou exércitos e apelou à crueldade. Não é de se estranhar que muitos nativos preferissem o suicídio à morte ou à escravidão.

Os reflexos dessa lógica vão ecoar por séculos na América. Colombo instalou um regime de horror, violência e morte que serviu de exemplo a ser seguido pelos demais conquistadores que aportaram na América com sua sede insaciável de riquezas e glórias.

## **LAS CASAS E OS ÍNDIOS**

O Frei Bartolomeu de Las Casas (Sevilha, 1472 — Madrid, 17 de julho de 1566) é conhecido pela sua visão providencialista sobre a conquista da América e por ser um

defensor dos índios desse Novo Mundo. Apesar de sua “boa fama”, Las Casas não deixa de ser um homem do seu tempo. Quando participou da segunda expedição de Colombo, seu intuito era tal qual o dos outros colonizadores e seu espírito era o de um aventureiro e explorador. *“No início, aceitou o ponto de vista convencional quanto à exploração da população indígena. Também participou dos ataques contra as tribos, e os escravizava em suas plantações”*<sup>7</sup>.

Las Casas viaja a Roma, onde conclui os estudos e, em 1507, ordena-se padre. Em 1510, está de volta à ilha *Hispanola*, onde tem contato com pregações de outros religiosos em defesa dos índios e torna-se adepto da causa. A adesão à causa indígena não se deu de forma imediata. Tal mudança ocorreu gradualmente, o que já se podia esperar de quem possuía várias *encomiendas* (regime no qual certo número de índios, juntamente com seu cacique, eram distribuídos entre os espanhóis e lhes prestavam serviços em troca da doutrinação cristã) e tirava proveito do trabalho indígena. Quando assumiu de fato a causa, renunciou a todas as *encomiendas* que possuía e tornou-se um radical defensor dos índios, chegando a comparar a sociedade indígena à europeia e até às civilizações clássicas, considerando os índios tão civilizados quanto os europeus (ou mais ainda), e toma essa idéia como premissa para a aceitação pacífica dos valores cristãos e da fé católica.

(...) Esses povos igualam ou até ultrapassam muitas nações do mundo reputadas como civilizadas e racionais e não sendo inferiores a nenhuma. Assim, igualam-se a gregos e romanos e até, em alguns de seus costumes, os superam. Superam também a Inglaterra, a França e algumas de nossas regiões de Espanha (...) é portanto fato estabelecido que a maior parte dentre eles estão, no conjunto, assaz dispostos a receber não só a doutrina moral, mas também nossa religião cristã...<sup>8</sup>

Para Las Casas, a evangelização não é válida se não houver uma compreensão por parte dos evangelizados, afinal os índios não são uma tábua rasa, um livro em branco onde se poderá escrever o que quiser sem nenhuma reação. É preciso levar em conta a crença atual dos indígenas. *“(...) Assim, pois, já que os idólatras crêem que os seus ídolos são o verdadeiro Deus, sua crença se endereça de fato e se dirige para o Deus de verdade, como ensinam São Gregório de Nazianzo, Santo Agostinho, Boécio, Santo Tomás e todos os santos que tratam dessa matéria”*<sup>9</sup>. A mentalidade de Las Casas é fortemente embasada nos doutores da Igreja, como os citados acima, e é

também em Santo Agostinho que ele legitima sua idéia de que os índios devem compreender a nova fé que lhes está sendo apresentada: que tudo se faça com o consentimento e a plena consciência do que está sendo evangelizado. Os índios devem converter-se conscientemente; é um erro impor a fé cristã sem que eles a entendam ou fincar cruzes e ainda apresentar-lhes os santos da Igreja Católica. Sem a devida compreensão, esses novos santos serão apenas mais ídolos para seu panteão, e pior (para os evangelizadores): os índios adorarão não a Deus, mas ao pedaço de madeira que o representa.

Las Casas pôs em andamento, na Guatemala, em 1536, um projeto chamado “Vera Paz”. Esse projeto consistia em uma conquista pacífica e logrou algum êxito, tendo conseguido conquistar em 3 anos aquela região, substituindo o sistema de *encomiendas* por um tributo imposto aos índios. Mas a luta de Las Casas não terminava por aí, sua batalha não podia restringir-se a uma única localidade. Assim, em 1540, de volta à Espanha, consegue atrair a atenção do Conselho das Índias para expor seu trabalho de evangelização. “*Atribui-se à sua influência o fato de que em 20 de novembro de 1542 tenham sido publicadas as «Leis Novas» em que se restringiam as encomiendas e a escravidão dos índios*”<sup>10</sup>.

## **O ESCOLHIDO**

Apesar de defensor da causa indígena, a visão teológica de Las Casas se expressa mais fortemente quando se trata de Colombo e dos motivos de sua expedição ter sido realizada. Para Las Casas, a “descoberta” da América é tão somente o cumprimento da vontade de Deus para os homens. A “descoberta” do Novo Mundo já estaria escrita nos planos de Deus; o que faltava era o instrumento, a pessoa ideal para que tudo se cumprisse, e o escolhido para esta missão foi Colombo.

Colombo (assim como os reis da Espanha e todos os que estiveram envolvidos nas campanhas de expansão) era mero instrumento de Deus e, apesar de todos os interesses empreendidos (descobrir uma nova rota para as Índias, encontrar ouro ou, ainda, os motivos pessoais de Colombo), o motivo maior era que se cumprisse a vontade de Deus e a luz do seu Evangelho fosse levada aos povos pagãos. O que realmente interessa na interpretação de Las Casas é que Deus suscitou a vontade da

realização da viagem na mente humana. Qualquer explicação ou motivo para que se a empreendesse seria aceito, mais cedo ou mais tarde, e a viagem se concretizaria.

## **CORTEZ**

A forma de pensar no indígena americano começa a tomar novos rumos com a chegada de Hernán Cortez ao Império Asteca. Segundo Tzvetan Todorov, “*O contraste é sensível a partir do momento em que Cortez entra em cena: não seria ele um conquistador de exceção, e não um conquistador típico?*”<sup>11</sup>. Tanto essa mudança é considerável que, diferente de seus antecessores, Cortez não se importa, em um primeiro momento, em recolher o ouro. Mas qual era, afinal, o interesse do conquistador em questão? De acordo com suas próprias palavras, ele ali viera para “*servir a Deus e ao rei*”<sup>12</sup>.

## **ENTENDER PARA CONQUISTAR**

No decorrer da conquista, o caráter estratégico-militar de Cortez vai sendo descortinado, na medida em que a informação vai tornando-se o elemento mais importante para ele. A busca de um intérprete entre os astecas ilustra bem essa situação. Já é possível notar aí essa nova forma de interação com os americanos pré-colombianos, que viria a caracterizar toda a geração que procederia a Cortez. “*O que Cortez quer, inicialmente, não é tomar, mas compreender; são os signos que interessam a ele em um primeiro lugar, não o referente*”<sup>13</sup>. Mais uma vez Todorov posiciona-se em uma análise do universo mental de conquista. Quando Montezuma (o soberano asteca) decide, também ele, solicitar um intérprete, Cortez envia-lhe um pajem, com ordens de investigar cada ação realizada pelo governante. É do espanhol, mais uma vez, a iniciativa de reunir caciques e perguntar-lhes sobre a Cidade do México. Com as informações coletadas, é iminente a descoberta dos conflitos internos entre os astecas. O próprio Cortez vê nisso uma grande oportunidade quando escreve: “*Vendo as discórdias e a animosidade de uns e de outros, fiquei muito satisfeito, pois me pareceu que isso contribuiria muito para o que me propunha a fazer e que eu poderia encontrar um meio de subjugar-los mais rapidamente*”<sup>14</sup>. Diferente de Colombo, portanto, Cortez prefere conhecer o inimigo intrinsecamente, antes de vir a conquistá-lo.

Um aspecto do imaginário de Hernán coincide com o de Colombo, em meio a tantas diferenças. O conquistador dos astecas possui um profundo senso de descoberta e

de curiosidade pela natureza, a ponto de interromper a jornada até a Cidade do México para enviar homens ao cume de duas cadeias de montanhas (que eram, na realidade, vulcões). Embora não cheguem ao topo, os homens trazem pedras de gelo para seu líder.

Para comentar a adaptabilidade de Cortez e seu espírito de improviso, faz-se preciso estabelecer um paralelo com a cultura asteca. Para os meso-americanos, todo evento era previsto por um presságio. A noção de História desses povos (especialmente dos astecas) era circular. Nada do que será um dia já não foi. Isso dava-lhes um profundo senso de impotência em relação à chegada dos espanhóis. Tanto que, em vista do desembarque de Cortez e de seus homens, Montezuma, embora receoso, chega a crer que aquele é Quetzalcoatl, um antigo soberano que se viu obrigado a deixar o trono do império, mas que ameaça voltar algum dia. A postura dos europeus, especialmente a de Hernán, era a de adaptar-se às situações, não temendo os possíveis presságios que ameacem desviá-lo de seu objetivo.

Embora compreenda relativamente bem e respeite a civilização asteca, chegando a considerar superior à sua, Cortez é o fundador de uma cultura de conquista incisiva e intensa ainda mais eficiente do que a criada por Colombo, já que era repleta de novas estratégias de comunicação e interação com o outro. O genocídio na América espanhola chegou, segundo alguns estudos, a mais de 90% da população. Nunca, em nenhuma época, a destruição de vidas chegou a uma proporção tão assombrosa. “*A conquista da informação leva à conquista do reino*”<sup>15</sup> é o que sabiamente nos conta Todorov. A astúcia inaugurada por Cortez conduziu os espanhóis à conquista de todo um continente e de seus moradores primeiros a um desespero jamais imaginado.

## **CONCLUSÃO**

Tendo em mente os diversos pontos de vista frente aos ameríndios, podemos concluir que o pensamento europeu, embora possuindo praticamente as mesmas bases (a Bíblia e os escritos clássicos greco-romanos), era, de fato, diversificado. Enquanto Colombo entendia os índios como parte do cenário natural das novas terras, Cortez era mais sensível aos costumes e ao cenário mental dos “povos conquistáveis”, o que não impediu de investir contra o Reino Asteca e submeter seus cidadãos a condições nada humanas. No outro prato da balança, encontramos Las Casas, que objetivava dar aos

índios a oportunidade de escolherem ser catequizados; ainda assim, o teólogo compreendia pouco sobre eles: os via como seres por demais parecidos com o europeu, sem levar tanto em consideração as claras diferenças que não desumanizavam, mas diferenciavam, simplesmente, os nativos americanos dele próprio.

É evidente que estes três homens não foram os únicos a pensar sobre o índio. Inúmeros debates foram abertos em diversas universidades, seminários e nas próprias esquinas de Sevilla para encontrar respostas na controvertida questão da relação com o indígena. Escolhemos os três porque representam pólos que, em momentos, se antagonizam, mas que possuem muito em comum.

## NOTAS

---

<sup>1</sup> Essas idéias eram conhecidas por poucos devido ao monopólio do saber pela Igreja, mas povos que tenham tido contato com os mouros tiveram, por conseqüência, contato com as obras Clássicas, já que os árabes fizeram um importante trabalho de tradução.

<sup>2</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de, *Visão do Paraíso*. São Paulo. Editora Brasiliense, 1988. pp. 1-83.

<sup>3</sup> MAHN-LOT, Marianne, *A Descoberta da América*, p. 13.

<sup>4</sup> Usamos a palavra fragilizada para expressar o momento de tensões pelos quais passavam a Igreja Católica, devido aos questionamentos que surgiram com a Reforma Protestante sem esquecer o tamanho do poder e influência que essa instituição ainda possuía.

<sup>5</sup> CHIAVANETO, Júlio José. *Colombo – Fato e Mito*. Editora Brasiliense. 1992, p. 172.

<sup>6</sup> *Idem*, p. 89.

<sup>7</sup> Fragmento do texto sobre Las Casas da enciclopédia virtual Wikipedia (pt.wikipedia.org) acessado em 16/12/06.

<sup>8</sup> LAS CASAS, Bartolomeu. Apologética História, Cap. 263. In.: MAHN-LOT, Marianne, *A Descoberta da América*. p. 110.

<sup>9</sup> “Réplicas” de Las Casas ao *de justis belli causis* do Dr. Sepúlveda, 1553. In.: MAHN-LOT, Marianne, *A Descoberta da América*, p. 111.

<sup>10</sup> Fragmento do texto sobre Las Casas da enciclopédia virtual Wikipedia (pt.wikipedia.org) acessado em 16/12/06.

<sup>11</sup> TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América: a questão do outro* / Tzvetan Todorov; tradução Beatriz Perrone-Moisés. – 3ª edição – São Paulo: Martins Fontes, 2003. – (Tópicos), p.142.

<sup>12</sup> CASTILLO, Bernal Díaz de. História verdadeira de la conquista de la nueva España, p.30.

<sup>13</sup> TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América: a questão do outro* / Tzvetan Todorov; tradução Beatriz Perrone-Moisés. – 3ª edição – São Paulo: Martins Fontes, 2003. – (Tópicos), p.143.

<sup>14</sup> *Idem*, p. 149.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p.149.